

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: A TRAJETÓRIA DE UM MANUAL DE MAGIA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

INÊS TEIXEIRA BARRETO*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 10 jan. 2025. Aprovado em: 21 jan. 2025.

Como citar este artigo: BARRETO, I. T. O *Livro de São Cipriano*: a trajetória de um manual de magia no mercado editorial brasileiro. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 1, p. 41-57, jan./abr. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n1p41-57

Resumo

O *Livro de São Cipriano* é um produto relevante do mercado editorial brasileiro, sendo publicado há mais de cem anos. O presente artigo traça uma trajetória editorial desse título no Brasil entre 1870 e 1970, utilizando anúncios e colunas de imprensa como fontes históricas. A partir da apresentação e contextualização do que é o livro e de uma discussão metodológica sobre a natureza das fontes, o artigo traça a trajetória da obra por décadas e finaliza com uma discussão sobre a possibilidade de o livro ser considerado *best-seller*, esquecido nas pesquisas e análises sobre o mercado editorial e a história dos livros.

* E-mail: intx.barreto@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-7927-4666>

Palavras-chave

São Cipriano. Magia. Mercado editorial.

APRESENTAÇÃO

Em 1904, João do Rio publicou sua famosa e polêmica reportagem sobre os feiticeiros e alufás do Rio de Janeiro, em uma série posteriormente organizada no capítulo “No mundo dos feitiços”, do livro *As religiões do Rio*. Diante de suas inserções pelas macumbas e casas de fortuna, afirmou categoricamente que os assim chamados feiticeiros não criavam nada de novo. Sua magia era toda retirada de um único livro.

[...] a base, o fundo de toda a sua ciência é o *Livro de S. Cipriano*. Os maiores *alufás*, os mais complicados pais-de-santo, têm escondida entre as tiras e a bicharada uma edição nada fantástica do S. Cipriano. Enquanto criaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fatais, os negros soletram o S. Cipriano, à luz dos candeeiros... (Rio, 1976, p. 13, grifo do autor).

Esse agora famoso livro é um manual de práticas de magia, como invocações e exorcismos de espíritos, pactos diabólicos, feitiços e leituras da sorte em cartas de baralho. Ele compila todo um receituário mágico em torno da figura de São Cipriano de Antioquia, santo considerado feiticeiro e pactário do demônio. Os livros atribuídos a ele partem, inicialmente, da reunião entre tradições já consolidadas de magia escrita na Europa e tradições orais portuguesas que foram sendo aos poucos associadas ao santo. Eles surgem organizados em Portugal a partir do século XIX e chegam ao Brasil pouco depois, na virada do século XIX para o XX.

O *Livro de São Cipriano* passou a habitar também o imaginário e as práticas mágico-religiosas no Brasil. Mas, para além disso, tornou-se um importante produto do mercado editorial, que está há mais de cem anos sendo publicado consecutivamente. Desde as primeiras edições a circularem no país, ele se manteve ininterruptamente no mercado e nos comentários da imprensa.

O presente artigo traz uma breve trajetória editorial desse título no Brasil, apresentando suas origens, as primeiras edições e sua posição diante das diversas mudanças no mercado editorial brasileiro ao longo do século XX.

Para tanto, foram rastreadas edições do *Livro de São Cipriano* na imprensa, que é a principal fonte histórica desta pesquisa. Reportagens, anúncios e textos literários foram utilizados para localizar e posicionar o livro, além de trazerem também o contexto no qual as publicações estão inseridas.

A partir dessas fontes, é possível discutir e implicar a posição do livro como um *best-seller*, articulando sua longevidade, a quantidade de edições e autores, e a opinião de jornalistas que cobriram a cena literária brasileira.

SÃO CIPRIANO E SEU LIVRO DE MAGIA

Figura popular nas histórias do cristianismo popular, São Cipriano de Antioquia foi, segundo a lenda hagiográfica, um sacerdote pagão que fez um pacto diabólico. Entre muitas de suas histórias, a principal é a relação com Santa Justina: Cipriano foi contratado por um homem chamado Aglaides para conquistar, por meio da magia, o amor da jovem Justina, católica e celibatária. Apesar de várias tentativas, a moça reverteu todas as investidas de Cipriano com sua fé, até o próprio Diabo admitir que não poderia realizar o prodígio, pois o poder de Deus era maior do que seu poder infernal. Assim, Cipriano renega o pacto, converte-se ao cristianismo e torna-se seguidor inseparável de Justina. Ambos são condenados à morte pelo imperador Diocleciano, em 258 d.C., mas sobrevivem à primeira sessão de tortura, sendo decapitados em seguida (O Grande, 1895, p. 7-15). Esse se torna o primeiro milagre dos dois santos, que passam a fazer parte do contexto de santos mártires da Antiguidade Tardia.

Logo depois da suposta data do martírio, começam a circular textos atribuídos a Cipriano, nos quais o santo contaria sua vida, seus poderes e como renunciou a eles em virtude da fé católica, sendo o principal deles o *Testamento* ou *Confissão de Cipriano* (Ferreira, 1992a, p. 93-100). Surge assim uma tradição escrita que circula por meio de orações, textos curtos e alguns livros de magia, que chegam à Península Ibérica por volta do século XVII, onde ganharam certa popularidade (Veiga, 2012, p. 45).

No século XIX, surgem edições organizadas em formato códice e almanaques de São Cipriano em Portugal, compilando tradições mágicas relacionadas à descoberta e ao desencanto de tesouros encantados e à leitura de sortes em cartas de baralho. A edição portuguesa que mais interessa para o presente estudo é *O Grande Livro de São Cypriano ou o Tesouro do Feiticeiro*, publicado

por volta de 1895 pela Livraria Econômica de Lisboa, que é a base dos livros editados no Brasil. Seu conteúdo é bastante diverso, com orientações para práticas mágicas que podem ser divididas em quatro grandes temas: 1. magia amorosa ou erótica; 2. curas, exorcismos e pactos; 3. desencanto de tesouros; e 4. procedimentos oraculares. Traz ainda as narrativas sobre a vida do santo, episódios ilustrativos sobre o uso da magia (envolvendo ou não a figura de São Cipriano) e orações.

O *Thesouro do Feiticeiro* possui um forte conteúdo de fundo cristão e, mesmo ao trazer invocações de espíritos e demônios, não abandona sua vocação exemplar, na tentativa de converter o leitor ao catolicismo. A história da vida de Cipriano é sempre utilizada para demonstrar como a salvação está em seguir os princípios católicos, mesmo após uma intensa relação com as forças do mal, a exemplo do que foi a vida do santo. O livro é concebido de forma que o operador da magia se sinta confortável para buscar por seus objetivos pelos meios sobrenaturais, mas consciente da necessidade da conversão ao catolicismo para a salvação de sua alma.

A TRAJETÓRIA DO LIVRO DE SÃO CIPRIANO NO BRASIL: QUESTÕES METODOLÓGICAS

Este artigo apresenta brevemente a trajetória editorial das várias edições do *Livro de São Cipriano*, passando pelas principais editoras e trazendo um panorama geral do cenário de publicações de cada década, de 1870 até 1970. Para tanto, foi necessário articular momentos e movimentos do mercado editorial e da conjuntura política, em paralelo à trajetória desse título. Para isso, utilizei fontes provenientes da imprensa, como comentários sobre o mercado editorial, textos sobre literatura e, principalmente, anúncios de jornais publicados por editoras e livrarias. Essas fontes me permitiram localizar as edições, suas datas de publicação, as empresas e os agentes ligados à sua publicação.

No trabalho com material de imprensa, apoio-me fortemente na percepção das redes de comunicação de Robert Darnton (2010), que entende o livro como um meio de comunicação, inserido em uma rede de conexões. A partir daí, o livro é entendido como fruto de um circuito de agentes que chega até o leitor, passando pelo editor, por livreiros, impressores, distribuidores e jornalistas. Ele entende que seja um circuito, pois os autores também são leitores,

fechando assim a conexão. Por sua vez, leitores influenciam o trabalho do autor, direta ou indiretamente. A história do livro deve pensar esse ciclo completo de transmissão dos textos e a partir daí traçar quem lê, o que lê, em quais condições e situações (Darnton, 2010, p. 139-145).

Busquei, ainda, exemplares desses livros, com base na proposta de Roger Chartier (2003, p. 122-123): é necessário que o historiador do livro leve em conta a materialidade das fontes utilizadas. Porém, tive pouco sucesso na busca por edições anteriores a 1960. Os exemplares do início do século se perderam, seja pela perseguição policial, pela baixa qualidade do papel utilizado nas edições ou até mesmo pelos mitos e pelas superstições envolvendo os exemplares – que foram escondidos ou eliminados por serem livros com uma fama diabólica e maldita.

A ausência dessas edições passa uma mensagem não apenas sobre a sua materialidade, mas também sobre a preservação e manutenção desses exemplares em arquivos. Pela temática tratada ou por se dirigirem a um segmento de leitura popular, sua preservação não foi considerada importante. Jerusa Pires Ferreira (1992a, p. XX) classifica essas publicações como parte da cultura de bordas, produtos que vivem à margem da cultura letrada, dialogando com ela e fazendo parte do mesmo universo, mas que recebem apenas uma meia chancela de legitimidade.

Assim, as fontes de imprensa foram uma maneira encontrada para preencher essa lacuna documental criada pela ausência das edições e têm a importante função de trazer um panorama dos conteúdos e índices de tais edições perdidas.

Além disso, poucos autores estudaram o *Livro de São Cipriano* no Brasil. A principal referência é a obra de Jerusa Pires Ferreira, *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*, publicada em 1992. Jerusa passa pela vida do santo e trata do conteúdo e do contínuo de textos a partir de publicações editadas entre as décadas de 1960 e 1980, em um excelente e pioneiro trabalho que engloba pesquisa historiográfica, entrevistas e análise textual e semiótica dos textos. Ela vai além do livro, propondo ainda pontos de análise e reflexão sobre as edições de livros populares. Além dela, há ainda a tese de doutorado de Marcos Antonio Lopes Veiga (2012), *Sob a capa negra: necromancia e feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em Aragão (séculos XVI e XVII)*, que comenta práticas mágicas masculinas e textos mágicos atribuídos a São Cipriano e ao rei Salomão, a partir de fontes da inquisição aragonesa dos séculos XVII e XVIII.

Assim, o trabalho de pesquisa sobre o *Livro de São Cipriano* dialoga tanto com a tese de Veiga (2012), que traz um substrato histórico sobre os textos mágicos na Península Ibérica, quanto com a pesquisa de Jerusa Pires Ferreira (1992a), que se localiza na contemporaneidade. Mas busco um outro recorte, tentando traçar a trajetória e a história editorial do livro no Brasil contemporâneo, algo até então inédito.

Um dos pontos relevantes no estudo desse título é justamente a disparidade entre sua imensa popularidade e a falta de interesse de pesquisadores sobre história do livro e leitura nessa temática. Novamente, recorro à noção de cultura de bordas proposta por Jerusa (Ferreira, 1992a) para explicar tal situação: acredito que, pela meia legitimidade, ele não chama a atenção da maioria dos pesquisadores, que talvez considerem as temáticas e os usos desse título assuntos menores. Porém, acredito na sua relevância, assim como de outras edições populares que tiveram presença marcante no mercado editorial brasileiro do século XX.

O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA EDITORIAL

Há vestígios da circulação de orações e operações mágicas ligadas ao santo desde o período colonial, o que pode ter auxiliado na popularidade que o livro ganharia durante o século XX (Souza, 1986, p. 112-119). Mas é no final do século XIX que as primeiras edições portuguesas passam a circular no Brasil, sendo editadas por empresas nacionais a partir da década seguinte.

A primeira edição do *Thesouro do Feiticeiro* localizada nos anúncios de jornais brasileiros é de 1876, na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. No mesmo ano, também há o primeiro anúncio da Livraria Cruz Coutinho, filial da casa livreira do Porto, de Portugal. Os anúncios se repetem em outras publicações de 1878, juntamente com publicidade das livrarias José Alves, também do Rio, e Acadêmica, de São Paulo. É provável que todos esses primeiros exemplares fossem importados de Portugal. Na época, havia uma forte presença de livreiros portugueses e franceses no Rio de Janeiro, cidade que manteve a hegemonia como o centro difusor dos livros após a mudança de capital do Império para a da República. Casas estrangeiras, como a Garnier e a Cruz Coutinho, possuíam filiais na cidade, criando redes entre seus países de origem e a capital (Barreto, 2022, p. 74-75).

Na década de 1880, novas livrarias passaram a comercializar suas versões do *Livro de São Cipriano*. Nos anúncios, destacava-se a Livraria Quaresma, que foi a grande impulsionadora da popularidade da obra durante as quatro primeiras décadas do século XX. A primeira publicação da Quaresma encontrada por meio dos jornais é de 1882, com o nome de *O Grande Livro de São Cypriano ou o Thesouro do Feiticeiro* (Livros baratíssimos, 1882, p. 4). Fundada em 1880 por Pedro Quaresma, que já havia trabalhado nas famosas livrarias Laemmert e Garnier, sua proposta era publicar livros baratos, que atendessem um público que não tinha dinheiro para as edições de luxo ou importadas das lojas mais prestigiadas. A Quaresma virou sinônimo de livros populares, de diferentes gêneros: desde os chamados romances de sensação até manuais (El Far, 2004, p. 8-11). Acredito que a editora é uma das chaves para entender a trajetória do *Livro de São Cipriano*, por ser a principal publicadora e, por consequência, anunciante, que ajudou a popularizar a obra.

Entre 1880 e 1930, a Quaresma publicou mais de cem anúncios sobre o *Livro de São Cipriano* nos jornais cariocas, sendo o auge das publicações em 1920, o que coincide com o melhor momento comercial da editora. Esses anúncios tinham a intenção de conquistar a curiosidade do leitor, argumentando sobre a antiguidade da obra e como resolver seus problemas cotidianos com seus feitiços. Além de ter sido um bom momento para a editora, a década de 1920 também foi um período próspero para o mercado editorial brasileiro, que passou por um primeiro movimento rumo à profissionalização (Azevedo, 2018, p. 31-100).

Em alguns desses anúncios, a livraria reproduzia integralmente o índice, que coincide com o índice e os conteúdos do *Thesouro do Feiticeiro* português. Portanto, essas primeiras versões brasileiras eram replicações do *Thesouro* lisboeta. Isso vai perdurar por todo o século XX: em edições já das décadas de 1960 e 1970, a maior parte do conteúdo ainda era o mesmo do livro português, com modernizações de linguagens e adições de conteúdos brasileiros. Mas o corpo de textos narrativos sobre São Cipriano, sua relação com Santa Justina, a canonização e outros episódios de sua vida permanecem os mesmos, sofrendo pouca ou nenhuma alteração em cem anos, como é possível notar a partir da comparação com *O Antigo Livro de São Cipriano: O Gigante e Verdadeiro Capa de Aço*, assinado por N. A. Molina e publicado pela Editora Espiritualista na década de 1960.

Nos anúncios da Quaresma, era adotado um discurso direto, trazendo senso de urgência para o comprador. A exemplo, trago um anúncio veiculado

em três ocasiões no ano de 1923, publicado em *O Jornal*. O título inicia com: “Ciencias ocultas! Magia preta! A Livraria Quaresma acaba de publicar o verdadeiro Livro de S. Cypriano ou o Thezouro do Feiticeiro”.

Abaixo do título, segue descrevendo o conteúdo a partir do sumário, destaca que é uma obra completa, com 400 páginas, sob o preço de 5\$000, e finaliza com a seguinte nota:

AVISO AOS FREGUESES – Avisamos aos nossos fregueses que quando hajam de comprar **O Grande Livro de S. Cypriano**, exijam sempre e sempre o editado pela Livraria Quaresma, porque se assim não o fizerem serão redondamente enganados, porque livros de S. Cypriano há muitos, porém o **Verdadeiro Livro de S. Cypriano** é um só e esse é o nosso o qual ninguém pode editar – por isso **OS OUTROS SÃO FALSOS** (*O Jornal*, 1923, p. 4, grifos no original).

O anúncio exemplifica alguns elementos bastante comuns nessas publicações. Usava-se constantemente o discurso de um antigo livro, que conservou todos os textos verdadeiros criados pelo santo, e que sua edição era a mais próxima desse suposto original.

As fontes não trouxeram dados sobre a quantidade de exemplares vendidos pela editora, mas há indícios de venda expressiva e da grande popularidade em comentários sobre o mercado editorial. Segundo um artigo opinativo intitulado “O Commercio de Livros”, publicado no jornal *A Notícia*, em 1916, o *Livro de São Cypriano* foi um dos mais vendidos no mês de setembro daquele ano, com 1.223 exemplares. A quantidade é impressionante, sendo um número bastante expressivo ainda hoje. O artigo, assinado por Antônio Torres (1916), é uma resposta às estatísticas de vendas noticiadas por José Maria Bello no *Jornal do Commercio*, periódico dedicado ao noticiário econômico e político e um dos mais importantes do Rio de Janeiro. O ponto principal de Torres (1916) é que, como os bons livros das humanidades e do direito possuíam valores muito elevados, isso impossibilitava sua compra por parte dos jovens estudantes. Por conta disso, os livros mais vendidos seriam os mais baratos e populares. Além das estatísticas, Torres (1916) faz um questionamento a uma afirmação de Bello, de que as publicações sobre magia seriam somente lidas por moradores dos subúrbios. O autor julga ser essa uma interpretação errada, pois os suburbanos não teriam condições financeiras de, sozinhos, impulsionar as vendas dessa maneira (Torres, 1916, p. 2).

TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO EDITORIAL

O livro continua a ser publicado e anunciado mesmo no difícil período entre 1930 e 1940, quando as editoras brasileiras precisaram lidar com as turbulências políticas da Era Vargas e da Segunda Guerra Mundial.

Até 1945, o mercado editorial viveu um momento de crescimento e avanços industriais em diversos pontos, mas também precisou lidar com a censura e perseguição estatal a grupos políticos dissidentes, além da dificuldade de obter matéria-prima por conta da guerra. Apesar dos problemas, foi um ponto de virada para editores e livreiros, trazendo mudanças e modernizações em técnicas, projetos gráficos, estratégias de venda e especialização de profissionais (Azevedo, 2018, p. 42). Nesse sentido, a Segunda Guerra Mundial favoreceu o mercado brasileiro, pois, com a dificuldade de receber obras da França, gerou um momento inédito de investimento na literatura e nos autores nacionais (Hallewell, 2012, p. 465). Também houve um aumento dos índices de alfabetização e crescimento da necessidade de formação de novos mercados consumidores, para além do eixo Rio-São Paulo, o que pressionou o governo a desenvolver políticas públicas de leitura, como a criação de bibliotecas. Fabiano Azevedo (2018, p. 59) considera que o crescimento no período se deu mais pela parte de consumo e circulação do que pela produção em si, pois há um duplo movimento de crescimento populacional aliado à diminuição da taxa de mortalidade. Além disso, o aumento da população urbana pode ter impactado o consumo de livros (Simões, 2016).

Não é possível saber com precisão quanto essas dificuldades impactaram as publicações do *Livro de São Cipriano*, uma vez que há poucos exemplares desse período e raras citações na imprensa. A principal hipótese é de que elas tenham sofrido algum impacto negativo, mas se mantiveram estáveis em vendas, pois continuavam sendo editadas, e talvez até tenham ajudado na sobrevivência das editoras diante das dificuldades financeiras, pela sua venda expressiva. Mesmo com dificuldades na importação de papel e pouco incentivo governamental, as publicações populares continuaram sendo baratas na produção. Enquanto o custo do papel nos livros literários e técnicos chegava a 90%, em impressos com material de menor qualidade era de apenas 20% (Azevedo, 2018, p. 55). A partir desses dados, é possível concluir que as publicações continuaram sendo financeiramente viáveis.

Entre 1934 e 1946, foram localizados apenas cinco anúncios, sobre quatro diferentes edições, sendo uma da Livraria Quaresma, duas da Brasil Editora e uma da Livraria do Povo. A análise dos anúncios leva a crer que, até esse período, o conteúdo do livro não passou por grandes modificações, sendo ainda essencialmente replicado das versões portuguesas. Os títulos também permanecem similares. A Quaresma continua apostando em *O Grande Livro de São Cipriano ou o Tesouro do Feiticeiro*, e as demais editoras usam variações desse nome, como *O Livro Gigante de São Cipriano – O Mais Completo e Verdadeiro* (Editora Brasil, 1940), ou partem para opções mais sucintas, como *Livro de São Cipriano* ou somente *São Cipriano* (Brasil e Livraria do Povo, respectivamente, 1943 e 1946).

Percebem-se, ainda, algumas críticas pontuais de religiosos católicos, talvez como reflexo do crescimento da influência da Igreja a partir de sua relação próxima com o governo Vargas (Hallewell, 2012, p. 463). Até a década de 1930, as colunas religiosas dos jornais raramente citavam *O Livro de São Cipriano*, mas a partir dos anos 1940 é possível encontrar textos mais incisivos, relacionando-o à feitiçaria, como na nota “No Reino dos Livros”, da coluna “Vida Católica” do *Jornal do Dia* (1953, p. 4-7), do Rio Grande do Sul, em que o livro é criticado por ser um produto que visa ao lucro, além ser anunciado junto com livros de anedotas e pornográficos: “se a editora não visou tanto o vil metal quanto uma homenagem a São Cipriano, pedimos ao verdadeiro São Cipriano que lá do céu favoreça aos responsáveis com um pouco da verdadeira Luz...”.

Mas nem a Igreja nem a censura parecem ter se preocupado o suficiente ao ponto de combatê-lo de maneira sistemática. Não há vestígios na imprensa ou na historiografia de que tenha sido censurado durante o Estado Novo, nem mesmo nos anos mais duros. Segundo a pesquisadora Paula Ribeiro da Igreja (2021), o objetivo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e da Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) foi preservar os cidadãos do que atentasse contra a moral do Estado e os ideais da nação. Por isso, a censura foi, sobretudo, uma forma de combater as ideias de esquerda ou liberais contrárias ao regime (Igreja, 2021, p. 119-143). Assim, parece não ter afetado significativamente os livros com o tema da magia, apesar de o Estado Novo ter sido particularmente repressor às religiosidades e práticas relacionadas às matrizes africanas. O *São Cipriano* foi eventualmente confiscado junto com o material dos supostos feiticeiros e curandeiros, junto com figas, imagens de santos e

outros instrumentos usados em práticas mágico-religiosas. Porém, nada tão significativo que o Estado chegasse a considerá-lo uma ameaça massiva a ponto de proibir sua publicação (Barreto, 2022, p. 144).

MODERNIZAÇÃO E NOVAS PUBLICAÇÕES

Os anos 1950 chegam como um marco importante para o *Livro de São Cipriano*. Na análise quantitativa de anúncios, nesse período foi localizado o maior número de edições, em diferentes versões e editoras, sendo sete entre 1950 e 1959. Há uma última edição da Quaresma, de 1952, e, com a falência da empresa, outras editoras tomam a linha de frente, em especial as editoras Espiritualista e Eco.

Alguns fatores podem ter contribuído para esse crescimento. Primeiro, o “florescimento do mercado editorial” na década de 1940, conforme coloca Hallewell (2012, p. 463-465), que apresentou reflexos mais expressivos nas décadas posteriores. Também é o auge do crescimento populacional brasileiro e de um intenso movimento de urbanização, ainda mais forte na década de 1960, atingindo uma taxa de 57% na Região Sudeste e que cresceria cada vez mais nas próximas décadas (Simões, 2016, p. 42). Esses dois fatores foram parte importante do surgimento de um novo público leitor e da expansão do mercado livreiro, assim como o investimento na educação formal e o aumento na taxa de alfabetização (Azevedo, 2018, p. 53).

O investimento em publicidade também cria um incentivo na venda dos livros. Os anúncios a partir dos anos 1950 passam a ser mais elaborados, alinhando-se aos novos formatos gráficos dos jornais e das revistas. Também refletem inovações no direcionamento visual das capas, agora com ilustrações, fontes maiores e coloridas. As novas linguagens são uma influência de obras norte-americanas, como romances e suspenses – a chamada literatura *pulp* –, assim como das histórias em quadrinhos e fotonovelas.

Porém, crescem também as críticas, em especial nos meios ligados à Igreja Católica. O artigo “Posição sobre o curandeirismo”, publicado na “Seção Católica” do *Diário Carioca*, em 1958, alerta sobre a existência de vários tipos de curandeiros. Alguns devem ser tolerados, mas o “curandeiro supersticioso” deve ser veementemente combatido, pois usaria “meios completamente inadequados e desproporcionais, envolvidos numa atmosfera de

crendice e mistificação”. A inspiração de tais curandeiros seria *O Antigo e Verdadeiro Livro de São Cipriano*, fonte “da mais baixa e indigna bruxaria” (*Diário Carioca*, 1958, p. 3).

É possível notar que, nesse período, os *Livros de São Cipriano* já estavam conectados ao universo cultural das religiosidades de matriz africana. Se não na prática, pelo menos na visão de jornalistas, editores e anunciantes. Surgem editoras com publicações específicas sobre umbanda, incluídas em um contexto que visava trazer estudos intelectualizados para além da tradição oral dessas religiosidades (Britto, 2019, p. 29). Com o tempo, elas passam também a dedicar mais espaço a manuais de oferendas e orações, temas aos quais intelectuais umbandistas não davam ênfase, mas que estavam alinhados aos temas do *Livro de São Cipriano*, que rapidamente passou a figurar no catálogo dessas empresas.

Uma das pioneiras foi a Editora Espiritualista, inicialmente chamada de Aurora. Ela publicou, em 1957, o título *São Cipriano – sua vida, conversão, martírio e morte*, assinado por H. L. Junior. Nos anos seguintes, são lançados pelo menos quatro diferentes títulos: *O Livro Negro de São Cipriano* e *O Grande e Verdadeiro Livro de São Cipriano*, ambos de N. A. Molina, *O Legítimo Livro de São Cipriano* (sem autor) e uma nova edição de H. L. Junior. Não foi possível, por meio das fontes de imprensa, entender como se deu tal movimento editorial. O projeto de publicar apenas obras de umbanda talvez não tenha sido suficiente para sustentar os negócios da empresa.

Os anúncios também mostram a existência de editoras que se dedicam apenas aos livros populares, dos mais diversos temas, como a Multilivros, Nosso Livro Editorial e Noel Buchmann, que apostaram nesse modelo especialmente no final dos anos 1970. Nesses anúncios, ao lado do *São Cipriano*, figuram livros de sonhos e de orações, romances eróticos, manuais de esportes e de línguas.

A exemplo do que ocorreu durante o Estado Novo, a ditadura empresarial-militar de 1964-1985 também não executou a censura sistemática ao *Livro de São Cipriano*. Voltando à pesquisa de Paula Ribeiro da Igreja (2021, p. 129-133), o Estado brasileiro se preocupou com livros entendidos como subversivos e contrários ao regime, o que incluía obras de cunho marxista ou socialista. O Decreto-Lei n. 1.077, de 1970, instituiu que as editoras deveriam enviar os livros para análise dos censores previamente à publicação, o que era inviável pela quantidade de títulos lançados. A estratégia das empresas foi,

então, publicar sem passar pelos censores e, caso fossem proibidas, arcar com o prejuízo. Nesse caso, os censores agiam a partir de denúncias, que não eram muito comuns. Assim, o *Livro de São Cipriano* parece não ter sido, novamente, o alvo das principais perseguições.

Na presente análise, meu foco foram as publicações até a década de 1970. Mas desde a redemocratização e da Constituição de 1988, na qual foi garantida a laicidade do Estado e o pleno direito de exercer qualquer religiosidade, muitas outras edições do *Livro de São Cipriano* e de outros títulos relacionados à magia foram publicadas. Nasce, inclusive, um prolífico mercado de livros umbandistas, com novos autores e editoras entrando no mercado, assim como livros de bruxaria e de outras práticas mágicas. Tais edições foram parcialmente abarcadas na pesquisa de Jerusa Pires Ferreira, publicada em 1992. Mas estudos da história do *Livro de São Cipriano* e dos livros sobre umbanda no tempo presente ainda seguem por serem feitos, e podem abrir interessantes possibilidades de análise de práticas contemporâneas, na passagem do século XX para o XXI.

A partir da análise aqui proposta, concluo que o *Livro de São Cipriano* é um dos mais longevos títulos publicados no Brasil, se não o mais. Assumindo variações de nomes e autores, mas conservando a essência de seu conteúdo, que se mantém como um mesmo contínuo textual (Ferreira, 1992a, p. 143), alinhavado por meio das narrativas da vida do santo, feitiços e instruções para leitura da sorte. Apesar de sofrer modificações, apresenta sempre os temas centrais e mantém seu principal apelo, que é ajudar seus leitores a superar as dificuldades da vida que não podem ser resolvidas de outra maneira, a não ser pela ajuda da magia.

UM VERDADEIRO BEST-SELLER?

Com base no levantamento de edições apresentado aqui que abarcou cem anos e localizou 39 edições diferentes, em mais de 20 editoras (Barreto, 2022, p. 67), concluo que o *Livro de São Cipriano* é um dos produtos editoriais mais longevos e bem-sucedidos do mercado livreiro do Brasil. E acredito, ainda, que também é um dos mais vendidos.

Essa visão é corroborada por comentários como o do jornalista e crítico literário Nelson Werneck Sodré (1948, p. 4), segundo o qual Monteiro Lobato

acreditava ser o *São Cipriano* o único livro brasileiro que poderia ser classificado como um *best-seller*. Cassiano Nunes (1948, p. 9) também classifica o *São Cipriano* como um *best-seller* “no sentido restrito que se pode usar”, ou seja, “um livro campeão de vendas, que só está lado a lado com a Bíblia”.

Deslocada no tempo, mas ainda corroborando essa visão, há uma entrevista do editor Savério Fittipaldi, concedida à professora Jerusa Pires Ferreira no artigo “A voz de um editor popular”, de 1992. O editor, que se especializou nos livros populares, vendidos em bancas de jornal e cujo público-alvo eram leitores com pouca instrução formal e de rendas mais modestas, afirmou ter feito várias edições do *Livro de São Cipriano*, assim como de outras obras do segmento esotérico, pois sabia que sustentavam suas vendas. Porém, optou por não continuar publicando o livro, pois acreditava não trazer nenhum benefício espiritual a seus leitores (Ferreira, 1992b).

A afirmação de que o livro é um *best-seller* considera os seguintes fatores: a longevidade, o número de edições e editoras, a tiragem, que chegou a números maiores de 1.200 exemplares, e as opiniões de jornalistas e do editor. Assim, é possível afirmar que o *São Cipriano* possui um lugar privilegiado no mercado editorial, alcançado por poucos títulos.

Mas, por ser um produto da cultura de bordas, conforme a definição já citada de Jerusa Pires Ferreira, sua trajetória e posição não foram levadas em conta e, por consequência, foram pouco exploradas em pesquisas sobre mercado editorial, literatura e história do livro. Trata-se, portanto, de um silenciamento sobre um tema que foi consumido por milhares de leitores ao longo de todo o século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traçou brevemente a trajetória editorial do *Livro de São Cipriano*, dentro das possibilidades limitadas apresentadas pelas fontes. Aqui, optei por articular a trajetória de edições e editoras ao contexto nacional, seja político ou cultural.

Um longo recorte horizontal, que se estendeu por cem anos, foi traçado por meio de anúncios de jornal, textos publicados na imprensa e busca em bibliotecas, lojas de livros usados e casas de leilões, com o objetivo de localizar exemplares. Assim, foi possível demonstrar a longevidade e o interesse do

mercado nessa obra, que sobreviveu aos percalços e às dificuldades enfrentados pela produção e pelo comércio do livro durante o século XX: falta de matéria-prima, pouco incentivo estatal e baixa taxa de alfabetização e leitura dos brasileiros. Além de, nesse caso, ainda lidar com o tabu de um livro perigoso, maldito e perseguido.

O *Livro de São Cipriano* colocou-se como uma alternativa às editoras, um lucro certo e que acabou sendo um apoio para a viabilidade de outras obras. Graças às suas estratégias de diferenciação no mercado, as editoras fazem com que o livro ganhe uma personalidade brasileira. Assim, entendo que o *Livro de São Cipriano* é um sucesso de vendas do mercado editorial.

Há, ainda, muito a ser explorado sobre tais publicações populares, principalmente as dedicadas aos temas da magia, que foram pouco abordadas pela historiografia do livro e por estudos sobre o mercado editorial. São bastante escassos os trabalhos que buscaram entender as demandas editoriais e os autores e obras ligados a essas temáticas. Mas há um grande campo de pesquisa, que pode desvendar muito ainda sobre a leitura dos brasileiros.

***Livro de São Cipriano*: the trajectory of a magic manual in the Brazilian publishing market**

Abstract

The book *Livro de São Cipriano* is a relevant product of the Brazilian publishing market, having been published for over one hundred years. This article traces the editorial trajectory of this title in Brazil between the years of 1870 and 1970, using advertisements and press columns as historical sources. The article begins with a contextualization of what the book is about and a methodological discussion about the nature of the sources. In advance, the trajectory of the work is traced over decades, and ends with a discussion about the book being considered a best-seller, but forgotten by researchers of the publishing market and history of books.

Keywords

Saint Cyprian. Magic. Editorial market.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. C. *Editar livros, sonho de livreiros: os Zahar e o livro no Brasil (1940-1970)*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/12979#preview-link0.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.
- BARRETO, I. T. *Da mandinga à macumba: a trajetória do Livro de São Cipriano no Brasil*. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/25966>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- BRITTO, C. O Puro e o Híbrido: o jogo de alteridades na formação representacional da umbanda branca. *Revista Calundu*, v. 3, n. 1, p. 37-63, 20 jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v3i1.25240>.
- CHARTIER, R. *Leitura e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- EL FAR, A. A disseminação do livro popular nas últimas duas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma, proprietário da Livraria do Povo. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: [s. n.], 2004. p. 1-11. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/alessandraelfar.pdf>. Acesso em: 21 maio 2021.
- FERREIRA, J. P. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992a.
- FERREIRA, J. P. A voz de um editor popular. *Revista de História*, n. 125-126, p. 105-115, 1992b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18667>. Acesso em: 8 jan. 2025.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- IGREJA, P. R. da. Censura, uma biografia: a proibição de livros no Brasil. *Ensaio Geral*, n. 1, p. 119-143, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaiogeral/article/view/47046>. Acesso em: 19 maio 2024.
- MOLINA, N. A. *O Antigo Livro de São Cipriano: O Gigante e Verdadeiro* Capa de Aço. 9. ed. Rio de Janeiro: Espiritualista, [s. d.].
- O GRANDE Livro de São Cypriano – O Tesouro do Feiticeiro. Lisboa: Livraria Econômica, [ca. 1895].

RIO, J. do. No mundo dos feitiços. In: RIO, J. do. *As religiões do Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. (Coleção Biblioteca Manancial). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000185.pdf>. Acesso em: 19 maio 2024.

SIMÕES, C. C. S. Breve histórico do processo demográfico. In: FIGUEIREDO, A. H. de (org.). *Brasil: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI*. Coleção Ibgeana. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2016. p. 39-73. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=297884&view=detalhes>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOUZA, L. de M. e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VEIGA, M. A. L. *Sob a capa negra: necromancia e feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em Araguaia (séculos XVI e XVII)*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2012.tde-03072012-160107>.

FONTES DE IMPRENSA

Correio Paulistano. São Paulo, p. 4, 24 mar. 1948.

Diário Carioca. Rio de Janeiro, p. 3, 23 nov. 1958.

A Gazeta. São Paulo, ed. 5690, p. 6, 1925.

O Jornal. Rio de Janeiro, ed. 01462, p. 4, 1923.

LIVROS baratíssimos. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ed. 309, p. 4, 6 nov. 1882.

NO REINO dos livros. *Jornal do Dia*, Rio Grande do Sul, ed. 01964, 1953. *Vida Católica*, p. 4-7.

NUNES, C. “Navio Ancorado” e a importância do “best-seller”. *Jornal de Notícias*, São Paulo, ed. 805, p. 9, dez. 1948.

SODRÉ, N. W. Livros. *Correio Paulistano*, São Paulo, ed. 288211, mar. 1948. *Vida Literária*, p. 4.

TORRES, A. O commercio de livros. *A Notícia*, Rio de Janeiro, ed. 318, p. 2, 1916.